

A ECONOMIA POLÍTICA DE LIST E O PENSAMENTO ECONÔMICO DE CELSO FURTADO

José Adalberto Mourão Dantas*

O objetivo deste trabalho é mostrar a influência de List no pensamento de Celso Furtado. Este último autor tem reiteradas vezes dito que foi influenciado por List. Vejamos, por exemplo, a seguinte passagem descrita por Francisco de Oliveira:

“Certa vez, conversando com Celso Furtado, perguntei-lhe quais as matrizes teóricas do pensamento da CEPAL. Sua resposta foi de que a originalidade da Cepal consistia numa ‘suma’ de várias heranças, entre as quais a própria teoria clássica, de Smith e Ricardo, muito de Marx um pouco de List, e indubitavelmente muito de Keynes.”¹

Diante de uma afirmação tão peremptória fomos investigar de que forma List influenciou Furtado.

1 - UM OUTRO ALEMÃO TEIMOSO

Georg Friedric LIST(1789-1846) foi um economista alemão que nasceu numa Alemanha semifeudal dividida entre vários príncipes e cuja economia, como um todo, estava desconectada do circuito comercial europeu na medida que cada principado atuava economicamente de forma independente. A economia alemã, no período, estava voltada para a produção agrícola, contava com uma incipiente indústria artesanal e vivia sob um regime fiscal protecionista. Se comparada com a economia da Europa apresentava um atraso relativo.

Do ponto de vista do pensamento econômico, vamos encontrar o pensamento liberal como hegemônico no continente europeu. Porém, a sua penetração na Alemanha deu-se, apesar do interesse da burguesia comercial alemã pelo liberalismo, de forma lenta. Esta burguesia, segundo Eric Roll, foi para Inglaterra conhecer o que estava sendo produzido em termos de teoria. Tinha a pretensão de, através de uma teoria, entender e superar o atraso alemão.

*Prof. do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá

¹Francisco de Oliveira. In: Keynes. Raúl Prebisch.p.14

Na Alemanha o pensamento liberal vai encontrar uma cerrada oposição de um grupo de intelectuais que, devido a afinidade de suas idéias, construiriam uma escola de pensamento conhecida como Escola Histórica Alemã.(Cf.Roll.P.205.1977) Um dos mais importantes pensadores da Escola Histórica foi List.² Outros pensadores também despontam na escola, entre eles: Frederico Gentz(1764-1832) e Adam Müller(1779-1829).

A produção do pensamento econômico de List é fruto de um momento histórico e de uma organização econômica e social peculiar. É o período do capitalismo liberal já na fase da maquinaria. List escreve para uma Alemanha atrasada e desunida comercialmente, o que não o impediu de ter repercussão nacional.

List construiu uma teoria que até hoje é vista como um contraponto à teoria liberal de Smith. Toda teoria deu origem ao livro *Sistema Nacional de Economia Política: Política Internacional, Política Comercial, e União Aduaneira Germânica*.

O *Sistema* de List é fruto de observação empírica e segundo HOLANDA, “a gênese do pensamento listiano tem muito mais a ver com sua prática existencial e com sua ideologia nacionalista”.³No entanto, devemos reconhecer que List não se conteve somente com a observação empírica dos fatos da realidade de sua época. Estudou História e Teoria Econômica para fundamentar suas análises.

No *Sistema*, List faz uma contundente crítica ao pensamento econômico clássico, especificamente, ao pensamento de Smith que, em sua visão, é dotado de cosmopolitismo que não levou em consideração as especificidades das nações.⁴

Desta forma, o pensamento de List segue uma tradição da Escola Histórica que enfatiza o econômico, quando tem em mente as grandes questões da nação. Isto faz com que muitos o vejam como um pensador nacionalista.

²A Escola Histórica notabilizou-se pela oposição ao pensamento liberal de Smith, o taxava de um pensador cosmopolita, era uma escola nacionalista e a favor da industrialização.

³ Cristovan de Holanda. Apresentação de List. Op.Cit.P.XIX

⁴Com relação o assunto consultar o capítulo XI do *Sistema* de List

A teoria econômica que List construiu atribui uma grande importância às manufaturas enquanto instrumento do desenvolvimento, reservando ao mesmo tempo, um lugar de menor importância à agricultura.

Além do mais, List é um ferrenho defensor do mercado interno como elemento indutor do desenvolvimento econômico. Mas, este mercado tem que está unificado, ou conforme linguajar atual, integrado. Desta forma, o desenvolvimento para List só é alcançado quando a nação tem um parque manufatureiro forte, mecanizado que se combine com uma atividade comercial interna e externa dinâmica e com uma agricultura próspera.

Para se alcançar tal intento, a nação deve no início do seu desenvolvimento abrir o seu mercado interno para as manufaturas estrangeiras ao mesmo tempo que exporta produtos primários. Isto permite que se adquira manufaturas do exterior, e se exporte produtos primários. Com isto “desperta-se” as forças produtivas da nação.⁵ É, podemos dizer, o *take off* listiano.

2 - LIST E FURTADO: o início da História

A influência do pensamento de Georg Friedrich List no de Furtado, está presente nas principais categorias usadas na construção da teoria do desenvolvimento do último autor.

Furtado, para elaborar tal teoria foi buscar em List uma “categoria” central da economia política listiana: forças produtivas. Esta categoria é abrangente, ela é composta por um conjunto de variáveis que interagindo criam uma força que coloca em marcha todo um processo de desenvolvimento. Por isso, o sistema de forças produtivas aparece em Furtado como a articulação entre Estado, tecnologia, industrialização, comércio externo, mercado interno, entre outras variáveis que, relacionando-se uma com as outras, possibilitam a explicação do desenvolvimento econômico.

O uso do conceito de forças produtivas é feito de forma esparsa em toda obra de Furtado. Todavia, o autor deixa uma pista de como este encontra-se formulado em seu pensamento:

⁵Friedrich List. Sistema Nacional de Economia Política.p.86

"A observação da produtividade como um fenômeno social global (grifo nosso) levou-me a recuperar o conceito de sistemas de forças produtivas, que havia sido introduzido um século antes por Friedrich List".⁶

Desta forma, "as atividades produtivas passavam a ser vistas como um todo articulado (grifo nosso), cuja compreensão deveria anteceder a de seus elementos constitutivos".⁷

Com isto, Furtado entende que inaugurou uma nova forma de apreender a problemática da produtividade, não mais como uma categoria puramente econômica e sim mais ampla, vendo o fenômeno econômico além dos parâmetros estritamente econômicos.

Esta forma de captar a problemática da produtividade passa a ser o próprio método de análise do autor, considerado por ele, como estruturalista. Embora, o seu estruturalismo não se identifique com o francês dominante, como método de análise, na década de cinquenta. Com relação ao seu estruturalismo Furtado afirmou que:

"Este não tem relação direta com a escola estruturalista francesa (...) o nosso estruturalismo surgido nos anos cinquenta, empenhou-se em destacar a importância dos parâmetros não econômicos introduzidos nos modelos macroeconômicos".⁸

Por isso, o que identifica, já num primeiro momento, o pensamento econômico de Furtado com o de List é o método de análise posto que ambos incorporam variáveis não econômicas nas análises acerca do desenvolvimento econômico. Isto não só no tocante ao uso do conceito de forças produtivas mas na abordagem de caráter histórico, ou seja, ambos os autores vão à história para explicar os fenômenos econômicos. A primeira parte do *Sistema* de List, denominada A História, é um exemplo do método histórico e em certa medida de história comparada.

List, ao manejar tal método, fez uma análise do desenvolvimento econômico de várias nações da Europa, comparou uma com a outra e concluiu que elas falharam no

⁶Celso Furtado. Entre Inconformismo e Reformismo. Interrogar a História como economista. 10

⁷Idem

⁸Idem

tocante ao desenvolvimento devido a falta de integração do mercado interno e de nacionalismo.⁹

O *Formação Econômica do Brasil*, por sua vez, é um recheio de estruturalismo e de história comparada. Isto fica muito evidente nos capítulos V ao VIII. E mais, nas suas memórias Furtado afirmou que:

“O estudo comparativo das economias latino-americanas permite identificar todas as formas possíveis de bloqueio do processo de crescimento engendrado pela dependência externa.”¹⁰

O que os autores têm em mente com o estudo de História Comparada é desvendar o oculto no processo de desenvolvimento. Isto é quase impossível, quando se estuda uma dada economia de *per si*, isto é, isolada dos demais componentes sociais. Por isso, Furtado reafirmou de maneira enfática o interesse pela análise comparativa: “A fecundidade da análise comparativa me surpreendia e apaixonava.”¹¹

Todavia, a importância do método estruturalista na vertente furtadiana, está na possibilidade que se tem de imprimir à problemática do desenvolvimento e subdesenvolvimento uma análise que se situa além do economicismo dos analistas de economia política e dos formuladores de política econômica que vieram após os pensadores clássicos.

A sua abordagem macroeconômica ampliada, diferencia Furtado da maioria dos economistas contemporâneos, notadamente, dos que teorizam o desenvolvimento em conformidade com os estáticos modelos neoclássicos, que pressupõe a idéia de equilíbrio determinada por um pequeno número de variáveis, inserida em matrizes que têm a pretensão de incorporar toda uma realidade.

Contudo, o conceito de forças produtivas, em Furtado, evolui para sistemas de forças produtivas, distanciando-se um pouco do conceito de List. Em Furtado, é mais amplo, embora pareça meio indefinido na produção teórica do autor de *Formação*

⁹Para um maior aprofundamento do assunto o leitor pode consultar do capítulo I ao IX do Sistema Nacional de Economia política.

¹⁰Celso Furtado. Os Ares do Mundo.p.152

¹¹Idem

Econômica. Indefinido no sentido de que toda e qualquer variável pode ser caracterizada como uma componente do sistema de forças produtivas, ampliando muito o conceito. Assim sendo, este sistema passa a ser decorrente “de um problema de acumulação e produtividade”¹². O que vale dizer, quanto mais se acumula e aumenta a produtividade, amplia-se, também, o sistema porque novas variáveis surgem no processo acumulação-produtividade e estas são incorporadas, no plano da teoria, ao conceito.

Ao se investigar a definição de força produtiva em List, fica fácil compreender a imprecisão em Furtado. Isto porque List não tem uma definição mais concreta do que vem a ser força produtiva, apesar de deixar implícito em vários momentos da sua obra, mais especificamente nos capítulos XII e XIII do *Sistema de Economia Política*.

No capítulo XII, criticando Smith, List esboça uma teoria das forças produtivas, aliás o título de tal capítulo é A Teoria das Forças Produtivas e a Teoria dos Valores. Ao criticar Smith, List diz que “As causas da riqueza são algo totalmente diferente da própria riqueza.”¹³ Entende que uma pessoa pode ser rica sem, contudo, possuir a força de produzir bens que estejam além das necessidades básicas do seu consumo. Por isso, esta pode tornar-se pobre. Por outro lado, uma pessoa pode ser pobre mas se possuir a força de produzir uma expressiva quantidade de bens, ou seja, se puder produzir além do seu consumo, um excedente, pode tornar-se rica. List conclui dizendo que:

*“A força produtiva da riqueza é infinitamente mais importante que a própria riqueza; pois esta força não somente assegura a posse e o aumento do que se ganhou, mas também a substituição daquilo que se perdeu. Isto é tanto mais verdadeiro no caso de nações inteiras[que não podem viver simplesmente de rendas] do que no caso de indivíduos particulares.”*¹⁴

Com a continuação da leitura no capítulo XII, percebemos que List vai pouco a pouco “materializando” a definição de forças produtivas. As fontes destas forças estão na,

“religião cristã, monogamia, abolição da escravatura e do feudalismo, hereditariedade do trono, a invenção da imprensa, do sistema postal, do

¹²Celso Furtado. A Fantasia organizada.p.133

¹³Georg F. List. Sistema Nacional de Economia Política.p.97

¹⁴Idem

dinheiro, dos pesos e medidas, do calendário, dos relógios, da polícia, dos princípios da propriedade alodial e dos meios de transportes."¹⁵

Percebe-se que, nas fontes das forças produtivas, existe um conjunto de variáveis características da modernidade e, também outras, escravatura e feudalismo, que fazem parte de um sistema econômico já ultrapassado. Além disto as variáveis não econômicas estão presentes de forma muito clara. Todavia, não se tem ainda um conceito muito preciso, em List, do que vem a ser força produtiva.

List admite ainda que algumas categorias que não estão presentes na teoria de desenvolvimento dos clássicos, a cultura, por exemplo, é uma delas, estão na sua teoria das forças produtivas. O que vem a seguir nos ajuda a entendê-lo melhor: um criador de porcos, é um exemplo dado pela teoria clássica de trabalho produtivo, mas um educador não é produtivo. Já, para List, o educador cria algo mais importante do que valores, cria força produtiva.

Assim sendo, existem os trabalhadores que criam valor e os que criam força produtiva. Segundo List, alguns dos que criam força produtiva, estão "capacitando as gerações futuras a se tornarem reprodutivas; outros promovendo a moralidade e o caráter religioso da geração atual; outros enobrecendo o poder da mente humana..."¹⁶ Enfim, todos estão empenhados na produção de algo que, embora não material, faz aumentar a produção: a força produtiva.

Em Furtado a questão do conceito de forças produtivas reaparece em uma publicação de 1989 da seguinte forma:

"As energias criadoras de uma cultura tendem a estruturar-se em torno de eixos que parecem haver sido os mesmos em todas as épocas: a experiência religiosa, a experiência estética, a experiência do saber puro e aplicado. Assim canalizadas, essas energias assumem a forma de recursos que são postos a serviço da comunidade..."¹⁷

¹⁵ Idem

¹⁶ Georg F. List. Sistema Nacional de Economia Política. p.103

¹⁷ Celso Furtado. Entre inconformismo e reformismo. Interrogar a História como Economista. Revista de Economia Política. (4).V.9.1989.p.15

A variedade de categorias que vai formar o sistema de forças produtivas tem um caráter transcendental. Assim, as estruturas produtivas atuais e complexas são heranças do passado na medida que incorporam o estoque de conhecimento anterior.

Dai entendermos que a força produtiva incorpora variáveis econômicas e não econômicas. E foi por este fato, que List foi considerado como um revolucionário no plano do pensamento econômico.

List fez escola e por isso podemos afirmar que ele influenciou o pensamento da CEPAL. Os intelectuais desta instituição sentiam necessidade de um arcabouço teórico mais amplo do que aqueles emanados dos grandes centros do pensamento econômico mundial. Por isso, os cepalinos admitiam que, "necessitamos de uma revolução no plano do pensamento, similar à que promoveu F. List na metade do século passado."¹⁸

Observe-se, que o pensamento listiano estava presente na Instituição que acreditava ter teorizado de forma original acerca da problemática econômica latino-americana. Assim, as influências de List em Furtado surgem quando este participava de um projeto técnico-científico coletivo, endossando, desta forma, a produção cepalina como um todo até o seu afastamento.

Vale agora, recordar a preocupação cepalina, que também é a de Furtado, pelo menos no tempo em que ele lá esteve, com o atraso da América Latina em termos teóricos. Partiu-se do diagnóstico de que os países produtores de produtos primários levavam desvantagens nas trocas internacionais justamente por se dedicarem, quase que exclusivamente, à cultivar e vender tais bens no exterior, e, comprando destes últimos, a produção industrializada. Por isso, reconhecia a CEPAL, que havia uma organização internacional do trabalho plenamente estabelecida e aceita, no mínimo, pelos países avançados economicamente. Contudo, a intelectualidade cepalina pregava o rompimento com esta situação. Para tanto, buscava-se industrializar os países que se dedicavam ao setor primário da economia.

¹⁸Celso Furtado. Os ares do mundo.p.37

Nesta abordagem teórico-cepalina estava implícita a dicotomia entre regiões agrícola e industrial, podendo-se inferir que as regiões agrícolas eram atrasadas e as industriais desenvolvidas.

Esta postura anterior, vai aparecer também em Celso Furtado, notadamente, quando este produziu o *Pré-Revolução Brasileira*, e nas suas interpretações do desenvolvimento e subdesenvolvimento.¹⁹

Este esquema interpretativo que coloca agricultura e atraso, desenvolvimento e indústria em contraposição, já havia sido desenvolvido antes em 1840 por Georg Friedrich List.

List no seu *Sistema Nacional de Economia Política*, mostra as diferenças entre os países agrícolas e os industrializados ou manufatureiros. Diz ele:

“Em um Estado meramente agrícola, podem existir os caprichos e a escravidão, a superstição e a ignorância, a carência de meios de cultura, de comércio e de transporte, a pobreza e a fraqueza política”.²⁰

Numa situação de carência, como a anteriormente descrita, o Estado agrícola possui poucas possibilidades de evoluir. Tal fato é assim visto por List:

“Em tal Estado desponta-se e desenvolve-se apenas uma parcela mínima das forças e poderes mentais e corporais latentes na nação, sendo aproveitada somente a mínima parte das forças produtivas e recursos colocados à disposição pela natureza, sendo pequeno ou nulo o acúmulo do capital”.²¹

O Estado agrícola é dependente, imperfeito, em suma, não desenvolvido. E, assim, List o vê:

“Um estado puramente agrícola será do ponto de vista econômico e político, sempre dependente dos países estrangeiros que recebem seus produtos agrícolas em troca de bens manufaturados. Tal nação não

¹⁹No capítulo 2 do livro *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, Furtado usa com maestria o sistema de forças produtivas para apreender o que ele chama de mecanismos do desenvolvimento. Neste capítulo ele trabalha com um conjunto de categorias que se interagem para dar sentido a sua explicação ao fenômeno desenvolvimento econômico.

²⁰List. Op. Cit. P. 102

²¹Idem

conseguirá determinar quanto deve produzir, devendo sempre esperar e verificar quanto os outros desejam comprar²²

Já com relação aos países manufatureiros a situação vista por List é exatamente o contrário:

“As fábricas e as manufaturas são as mães e os filhos da liberdade (...), da inteligência, das artes e da ciência, do comércio interno e externo, da navegação e do aperfeiçoamento no transporte, da civilização e do poder político²³.

Por isso, o país que importa manufaturados torna-se dependente do exportador.

Conforme List:

“ao importarmos manufaturados de fora, passamos a depender dos países exportadores privando-nos da possibilidade de produzirmos nós mesmos os manufaturados.²⁴

Dai a necessidade de romper com a especialização em produtos primários. É necessário diversificar. Diversificar que dizer industrializar-se. Isto porque a industrialização possibilita ampliar para além das atividades puramente econômicas: “As manufaturas são de imediato fruto e ao mesmo tempo os sustentáculos e as protetoras da ciência e da arte.”²⁵

Com a manufatura se mantém a tradição da revolução industrial, o emprego da arte e da técnica no processo produtivo. Isto porque com o uso da técnica no processo produtivo é que se pode aumentar a produção. Este fato foi percebido por List que, com uma caricatura da época, exemplifica a questão da produtividade:

“Um aleijado, dirigindo um motor a vapor, pode produzir centenas de vezes mais do que um homem mais forte pode com sua força manual.²⁶

A importância da maquinaria no pensamento de List está além da produção. A maquinaria, conforme List:

“Está destinada a exercer sobre a condição das massas populares, sobre a civilização dos países primitivos e bárbaros, sobre o povoamento dos

²²Georg F. List. Sistema Nacional de Economia Política.p.126

²³Georg F. List. Op.Cit.p.102

²⁴Georg F. List. Op.Cit.p.149

²⁵Georg F. List. Op.Cit.p.138

²⁶Georg F. List. Op.Cit.p.139

*territórios, e sobre as (...) culturas primitivas uma influência incomensurável.*²⁷

Observe-se que, de forma tímida, List procura demonstrar, na primeira metade do século XIX, o uso da ciência e da tecnologia como forma de se contrapor ao atraso através de mecanismos que possam aumentar a produtividade. E, ainda mais, a tecnologia tinha uma importância ainda maior no caso de uma Alemanha agrícola e semifeudal do período de List. Tornava-se necessário industrializar-se e modernizar-se já que a Europa desde o século XVIII estava caminhando em tal direção. List percebeu que o caminho do desenvolvimento alemão teria que ser dado pela industrialização via progresso técnico e teria que acontecer rapidamente para que não se ficasse na dependência dos países que, no período, estavam na vanguarda do desenvolvimento tecnológico: França e Inglaterra. E foi isto que aconteceu com os países de capitalismo tardio. Industrializaram-se com base na grande indústria e com técnicas avançadas.

Esta preocupação reaparece em Furtado com pequenos nuances diferenciados. A tecnologia era um fator exógeno no quadro de um desenvolvimento periférico, mas sumamente importante na medida que a industrialização não poderia progredir por meios artesanais. Então a técnica no setor industrial é a maneira adequada e mais rápida para o desenvolvimento, isto porque o progresso técnico na industrialização realiza-se no interior da própria indústria aumentando, cada vez mais, a produtividade. E, na visão de Furtado,

*"A empresa que ocupa uma posição de vanguarda na tecnologia sempre será rentável, portanto, não tem problemas financeiros. Tecnologia neste caso, abarca toda forma de conhecimento que se incorpora aos processos econômicos."*²⁸

Esta nova forma produtiva, contrasta com o início do processo de crescimento no qual os fatores exógenos tinham uma importância maior na geração do excedente e no aumento da produtividade, ainda que de maneira extensiva, como no caso de incorporação

²⁷ Idem

²⁸ Celso Furtado. A Fantasia Desfeita.p.31

de novas terras, ou da abertura de uma linha comercial²⁹. Furtado exemplifica muito bem o fenômeno:

*“Assim, a forma extensiva de crescimento da era mercantilística - que visava à abertura de novas frentes de comércio, nem que fosse pela violência - foi dando lugar a um novo estilo de crescimento em profundidade, cuja força dinâmica resultava das transformações internas do sistema econômico.”*³⁰

Furtado e os cepalinos sabiam da importância das transformações tecnológicas, embora, advertissem para o perigo da dependência se estas transformações não se dessem por processos autóctones. Devido a tal fato, foi realizado no Chile um seminário com a participação de um grupo multidisciplinar para “debater a problemática do desenvolvimento/subdesenvolvimento a partir de uma série de textos teóricos elaborados na própria América Latina”.³¹ Neste seminário a preocupação de fundo foi a questão da dependência.³² Daí a afirmação de Furtado:

*“A forma como se deu a propagação do progresso técnico dos centros industrializados à periferia da economia mundial engendrou um sistema de divisão internacional do trabalho que opera como mecanismo de concentração dos frutos do progresso técnico naqueles centros industrializados.”*³³

Para evitar a dependência o caminho a ser seguido era o de produzir bens de capital, ou seja, máquinas que fabricam máquinas, isto equivale a dizer que a necessidade de romper com a dependência estava no desenvolvimento de uma tecnologia nacional. Por isso, Furtado em uma obra da década de oitenta afirmou que: “A autonomia tecnológica

²⁹Em List o excedente é extraído através das linhas de comércio com as colônias. Esta análise que aparece tanto em List quanto em Furtado mostra um forte viés do pensamento clássico presente em ambos autores como uma interseção no pensamento de ambos. A análise de List acerca de como o excedente é extraído das colônias está no capítulo XXII do *Sistema*.

³⁰Celso Furtado. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*.p.163

³¹Celso Furtado. *Os Ares do Mundo*.p.31

³²Idem

³³Celso Furtado. *Os Ares do Mundo*.p.32

significa estar capacitado para dar solução aos próprios problemas, em contraste com o simples esforço de adaptar a sociedade a modelos importados.”³⁴

Se para List a técnica é o *leitmotiv* para o desenvolvimento, deve então o Estado proteger aqueles setores que podem ser considerados estratégico em política econômica. No caso da maquinaria reconhece List que este “setor específico da manufatura necessita do apoio direto do Estado.” Ou:

“O Estado deve, no mínimo, estimular e apoiar diretamente suas manufaturas de maquinaria, na medida que sua manutenção e desenvolvimento possam ser necessários para (...) servir de modelos para a implantação de novas fábricas de máquinas.”³⁵

Os estímulos e os apoios que o Estado deve proporcionar se justificam no pensamento de List quando é necessário, por exemplo, despertar o espírito empresarial da nação, porque esse espírito “está apenas acordando do sono, necessitando de proteção e estímulo temporários.”³⁶ Contudo, estes devem ser passageiros porque:

“são contestáveis os subsídios governamentais como medidas permanentes...” e “são ainda mais contestáveis como meios de apossar-se dos mercados internos de bens manufaturados de nações manufatureiras já avançadas.”³⁷

Apesar de List ter reservas quanto aos subsídios ele os defende até legalmente, o que, a nosso ver, constitui-se uma grande contradição em seu pensamento econômico. Nesse sentido, vejamos como ele se manifesta: “Cada lei, cada regulamento público tem efeito positivo ou negativo sobre a produção ou o consumo, ou sobre as forças produtivas da nação.”³⁸ Neste momento, List está referindo-se às forças produtivas. Se não, vejamos:

“A concessão do privilégio de patentes constitui grande estímulo para as pessoas inventivas. A esperança de obter o prêmio desperta as capacidades mentais orientando-as para aperfeiçoamentos na indústria.”³⁹

³⁴Celso Furtado. O Brasil Pós- “Milagre” p.38

³⁵Georg F. List. Sistema Nacional de Economia Política. p.210

³⁶Georg. F. List. Op.Cit..211

³⁷Idem

³⁸Georg F. List. Op. Cit.p.205

³⁹Idem

A afirmação anterior evidencia com muita clareza a sua preocupação com o desenvolvimento das forças produtivas porque une técnica e o potencial mental.

Além do mais, incentiva o protecionismo através de taxas alfandegárias porque necessita substituir as importações:

“As taxas protecionista agem como estimulantes em todos aqueles setores da indústria nacional cujos produtos, embora possam ser obtidos com maior facilidade do exterior podem ser fabricados no próprio país.”⁴⁰

Então, o protecionismo e os incentivos fiscais na economia política de List têm como objetivo, óbvio, proteger o mercado interno da concorrência externa até que a nação possa, após adquirir as forças para tal, em pé de igualdade concorrer com as nações já desenvolvidas. Ao mesmo tempo, este mercado deve se fortalecer e se dinamizar. Tal fato, mostra uma preocupação em fabricar internamente o produto que se importa. Observe-se aqui que o economista alemão já mostrava indícios do que viria mais tarde ser chamado de substituição das importações.

Com relação aos setores que devem ser protegidos, List os definiu de maneira astuta:

“Somente os setores mais importantes requerem proteção especula os que exigem alto capital para implantação e administração e administração, muita maquinaria, e portanto muito conhecimento técnico, habilidade profissional, experiência, e muita mão-de-obra, e cujos artigos são produtos de primeira necessidade, (...) se estes setores forem devidamente protegidos e desenvolvidos, todos os outros setores manufatureiros menos importantes conseguirão desenvolver-se em torno dos setores mais importantes, bastando para tais setores um grau de proteção menor.”⁴¹

Para List o protecionismo é uma forma de influenciar na formação da riqueza nacional. E neste sentido ele se pergunta:

“Por que razão as leis protecionistas influem tão poderosamente sobre o aumento da riqueza nacional? Deve-se isso sobretudo à circunstâncias de que tanto recursos e forças naturais são convertidos pela produção manufatureira em capital reprodutivo.”⁴²

⁴⁰Idem

⁴¹Georg F. List. p.126

⁴²Idem

Ou seja, proteger as riquezas internas para garantir matéria prima para as manufaturas.

Os subsídios e incentivos fiscais surgem, também, no pensamento de Celso Furtado com as mesmas preocupações de List.

Durante a criação da SUDENE-Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, é que se pode comprovar a preocupação com a formação de um mercado interno local, com ajuda de incentivos fiscais, que pudesse integrar a região ao restante do país.

A resolução 204 da SUMOC-Superintendência da moeda e do crédito, acabara com os incentivos cambiais que tanto havia ajudado na industrialização brasileira, notadamente, na de S.Paulo. Ora, durante a criação da SUDENE fora previsto que esta poderia aplicar 50% do valor dos ágios cobrados das mercadorias exportadas pelo nordeste, em incentivos. Com a resolução da SUMOC anulava-se esta possibilidade. Assim sendo,

“Era necessário repensar o sistema de incentivos especificamente em função do Nordeste, cuja industrialização teria lugar sob o fogo da concorrência das indústrias consolidadas do Centro-Sul.”⁴³

Havia várias sugestões mas a que foi aceita teve como modelo a legislação italiana da Casa Del Mezzogiorno. Segundo Furtado:

“o princípio era simples: quem investisse em projetos considerados prioritários para o desenvolvimento da região estava autorizado a descontar a metade do montante aplicado do imposto de renda devido.”⁴⁴

Este princípio foi consolidado no artigo 34 da lei nº 3995 de 14 de dezembro de 1961 que aprovou o Plano Diretor. A partir daí os empresários poderiam investir no Nordeste e obter incentivos fiscais.⁴⁵

⁴³Celso Furtado. A Fantasia Desfeita.p.120

⁴⁴Idem

⁴⁵Celso Furtado.Op.Cit.p.121

Estavam colocadas as possibilidades para o setor privado, através da ação do Estado, cooperar com a formação de um parque industrial regional que pudesse competir com as indústrias do Centro-Sul.

Observe-se então que, o que List havia indicado para uma economia nacional, Furtado o fazia para uma economia regional, mas que tinha o comportamento de uma economia nacional dado o tamanho do espaço geográfico em que esta estava inserida mas, também, devido ao potencial do mercado consumidor local e da relação do Nordeste com o comércio internacional facilitada pela sua grande costa marítima.

E mais, a preocupação de Furtado com o Nordeste tem que ser entendida como um problema ligado à questão nacional mas de forma *sui original*: "O Nordeste não é um simples problema regional e tampouco um problema nacional entre outros..."⁴⁶ Isto porque o Nordeste reflete em parte os mesmos problemas da industrialização Centro-Sul.

2 - CONCLUSÃO

Como conclusão do presente capítulo podemos afirmar que é inegável que Furtado buscou subsidiar-se teoricamente na obra de List. E o que nos chamou a atenção foi a semelhança entre a abordagem teórica dos dois autores. Furtado cem anos após a publicação do Sistema, identifica como causa das desigualdades econômicas a posição que os países ocupam na divisão internacional do trabalho. Desta forma, tanto List quanto Furtado, entendem ser o intercâmbio entre os países agrícolas e industrializados a causa dos países atrasados. Para superar esta situação ambos pregam a industrialização dos últimos. Em ambos os autores o arranque para o desenvolvimento é dado pelo comércio externo. Foi isto que demonstrou Furtado no livro Desenvolvimento e subdesenvolvimento.

No pensamento dos autores o mercado interno assume importância na medida que este gera um potencial de consumo que o amplia e o diversifica daí a necessidade de protegê-lo. Este mercado no processo de industrialização é o *locus* privilegiado da união das forças produtivas. Para Furtado, é uma categoria importante porque através de sua análise é possível verificar o seu funcionamento na formação de um parque industrial. E

⁴⁶Celso Furtado. O Brasil Pós- "Milagre".p.119

mais, para ambos o mercado deve ser integrado nacionalmente, condição para superar as desigualdades.

3 - BIBLIOGRAFIA

- FURTADO, Celso. A Economia Brasileira: Contribuição à Análise do seu Desenvolvimento. Edit. A Noite. R. de Janeiro 1954
- _____. Uma Economia Dependente. Edit. A Noite Rio de Janeiro. 1956
- _____. A Pré - Revolução Brasileira. Edit. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 1961
- _____. Dialética do Desenvolvimento Econômico. Edit. Paz e Terra. 2a.ed. Edit. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro 1964
- _____. O Mito do Desenvolvimento Econômico. 4a.Ed. Edit. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1974
- _____. Formação Econômica do Brasil. 15a.Ed. Edit. Nacional. S.Paulo. 1977
- _____. Prefácio a Nova Economia Política. 2a. Ed. Edit. Paz e Terra. Rio de Janeiro 1977
- _____. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico. 6a.Ed. Edit. Nacional. S.Paulo.1977
- LIST, Georg. F. Sistema Nacional de Economia Política. Coleção Os Economistas. Abril Cultural.S.Paulo.1983